

ANÁLISE DO DISCURSO BAKHTINIANA NA OBRA “O PRESIDENTE NEGRO”, DE MONTEIRO LOBATO

BAKHTIN'S ANALYSIS OF SPEECH IN MONTEIRO LOBATO'S "THE BLACK PRESIDENT"

Mônica Pontes de Assunção*

Resumo: Este artigo usa a análise do discurso bakhtiniana como fundamento teórico-metodológico para a compreensão da obra *O Presidente Negro – o choque das raças* (1926) de Monteiro Lobato, no sentido de reconhecer a influência do contexto e do momento histórico na produção elaborada, extraindo as vozes sociais que se expressam nas personagens criadas pelo autor. A partir da análise realizada, é possível observar que a obra apresenta elementos polifônicos que dialogam com a realidade vivida pelo escritor, que corporifica em seus personagens os discursos sociais da época, contribuindo para a reflexão de que uma obra literária traduz elementos psicossociais inerentes ao seu produtor.

Palavras-chave: Análise do discurso. Literatura. Relações raciais.

Abstract: This paper uses the analysis of Bakhtin's discourse as a theoretical and methodological foundation for understanding the work *The Black President - the clash of races* (1926) by Monteiro Lobato, to recognize the influence of the context and historical moment in the elaborate production, extracting social voices that express the characters created by the author. From the analysis, it is observed that the work presents polyphonic elements which interact with the reality experienced by the writer, who embodies his characters in the social discourse of the time, contributing to the reflection that a literary work translates psychosocial elements inherent in their producer.

Keywords: Discourse analysis. Literature. Race relations.

Introdução

Mikhail Bakhtin foi um filósofo russo que se preocupou em analisar as produções elaboradas no campo literário, considerando-as desprovidas da contextualização dos elementos culturais e psicolinguísticos de seus produtores que ignoravam as situações cotidianas inerente à vida dos escritores. Sua principal preocupação foi com a linguagem, criticando, neste sentido, Saussure, que a

* Mestranda do Curso de Educação, da Linha de Pesquisa Educação, Currículo, Epistemologia e História, da Universidade federal do Pará - UFPA. Pesquisa financiada pela CAPES. E-mail: nicpontes@yahoo.com.br.

apresentava como um elemento estrutural, porém desconectado com a realidade social, um sistema autônomo que deriva de um processo de interação mediado pelo diálogo.

A interação dialogal proposta por Bakhtin sugere que a língua não é um sistema independente do contexto social dos falantes, e sua existência é resultado do constante uso por locutores e interlocutores que se envolvem em contextos de fala, produzindo uma relação intrínseca do falante com o ouvinte que se dá em um determinado contexto e em determinado momento histórico. Esta interação dialogada produz situações de comunicação - formais ou não formais - que podem ser observadas tanto em textos escritos quanto em textos orais.

Por ser produzido e dirigido sempre por uma pessoa, que será produtora ou receptora da mensagem veiculada, Bakhtin considera que o discurso elaborado é carregado das características psicossociais daqueles que os enunciam, por isso sua composição e estilo refletem aspectos interiores e exteriores àqueles que produzem os enunciados, acionados a todo momento por meio dos discursos anteriormente produzidos, que, assim, formulam outros.

Em suas obras o autor tece considerações sobre a literatura e a estética, contribuindo para o desenvolvimento da teoria do romance, revelando as singularidades que uma obra desta natureza apresenta, e que por isso deve ser analisada de acordo com a apresentação estética elaborada pelo autor, de acordo com a relação que se estabelece com a linguagem no espaço (contexto) e no tempo (momento histórico). Beth Brait, estudiosa do filósofo, afirma que para se compreender os discursos produzidos em tempos e espaços distintos é necessário realizar uma análise daquilo que é enunciado e que reflete contextos sociais, históricos, culturais e ideológicos específicos (1997).

Ao produzir uma teoria para explicar que a linguagem é resultado de interações psicossociais, Bakhtin apreende o que para ele seria a ciência dialógica, elaborando, nesta perspectiva, a sua teoria do dialogismo. E para compor a análise da obra de Monteiro Lobato (1822-1948), *O Presidente Negro – o choque das raças* (1979), utilizo a análise do discurso elaborada por Mikhail Bakhtin para evidenciar que suas considerações continuam atuais e precisas para a reflexão sócio-literária.

A obra *O Presidente Negro, ou Choque das Raças*

O romance de Monteiro Lobato foi publicado como folhetim no jornal *A Manhã*, em 1926, suporte utilizado no período para as publicações do gênero pela

maioria dos autores nacionais. Os personagens da narrativa estão situados nos anos de 1920: o professor Benson, sua filha Miss Jane e o funcionário de uma firma de sapatos, Ayrton Lobo, personagem principal que está incomodado com a vida suburbana que leva. A trama inicia com as constantes reflexões que Ayrton faz do seu trabalho, que considera pouco atrativo. Ao realizar uma viagem de cobrança, sofre um acidente de trânsito e é socorrido pelo professor, que o leva para sua casa sem resistência do funcionário da firma, iniciando com ele uma breve relação, vindo a morrer logo em seguida.

O professor cria um aparelho capaz de ver o que acontece em anos, décadas e até séculos futuros, denominando-o “porviroscópio”, no qual ele e sua filha conseguem visualizar acontecimentos que ainda irão acontecer em quaisquer regiões do planeta. Entretanto, ao saber que morreria, Benson destrói o instrumento criado para que não caia em mãos erradas. Quem fica responsável em narrar os fatos observados no aparelho ao funcionário da firma é Miss Jane, fazendo-o de maneira paulatina: nas visitas que o rapaz passa a efetuar semanalmente à casa da moça. Nos relatos a filha do professor faz considerações sobre os avanços tecnológicos que a sociedade americana adquire até os anos de 2228, como o trabalho à distância, o serviço eletrônico que cria um jornal capaz de dar a notícia em tempo real, e a velocidade e transparência inerentes ao processo eleitoral, garantindo-lhe credibilidade.

No campo social as visões revelam a agitação que viveria os Estados Unidos em um período eleitoral, fruto de questões raciais e aparentemente feministas que produziam nos representantes dos partidos políticos americanos situações de conflito: o candidato branco Kerlog, a feminista Evelyn Astor e o candidato negro Jim Roy.

O embate racial é a principal questão abordada na narrativa aqui explorada, com três diferentes partidos que representam os principais grupos sociais da sociedade americana projetada por Lobato: os homens brancos, as mulheres brancas e a população negra. Com a cisão do grupo branco de acordo com suas identidades de gênero, o candidato negro percebe a possibilidade de vencer as eleições e sair da dominação branca, optando, desta forma, em não apoiar nenhum dos dois candidatos, o que representaria a possibilidade de autonomia e resgate dos direitos da população negra que já vinha sofrendo um processo de embranquecimento não apenas cultural como também corporal – devido a um processo realizado, a pigmentação da pele não era mais negra e

sim esbranquiçada, restando apenas como traço estético visível da sua negritude o cabelo encarapinhado.

Como resposta àquilo que foi considerado pelos brancos de traição, homens e mulheres brancas unem-se novamente para tentar destruir o grupo que pela eleição de seu representante principal teria o poder de conduzir as principais decisões do país. É assim que, após reuniões para discutir o problema, os opositores resolvem utilizar a invenção de um cientista do país que tem dupla função: oficialmente divulga-se a possibilidade de tornar o cabelo dos negros americanos liso após o consumo de três doses seqüenciais de um determinado produto, o que tornaria o processo de branqueamento corporal total. Em pouco tempo a população negra se submete ao tratamento, mas o líder negro descobre, tardiamente, a função macabra não revelada por Kerlog: a de esterilizar a população negra, tornando-a fraca, o que após duas ou três gerações acabaria por extingui-la.

Análise da obra

O texto lobatiano é analisado a partir da reflexão do ato de autoria produzida pelo escritor, o que reflete a opção pelo autor-criador, como a demarcada por Lobato para situar a narrativa. Bakhtin distingue de forma objetiva o autor-pessoa do autor-criador, ressaltando que este é quem dá forma ao conteúdo, remodelando-o a partir da posição axiológica assumida por ele, o que estimula um recorte e uma organização estética aos eventos enunciados que não advém da sua consciência enquanto pessoa, mas da consciência da consciência, de acordo com o conceito bakhtiniano de consciência: aquilo que se entende do mundo e das personagens.

Faraco (2008) considera neste sentido que as transformações realizadas no ato criativo são influenciadas na vida cotidiana e invadem a arte:

[...] no ato artístico especificamente, a realidade vivida (já em si atravessada por diferentes valorações sociais porque a vida se dá num complexo caldo axiológico) é transposta para um outro plano axiológico (o plano da obra): o ato estético opera sobre sistemas de valores e cria novos sistemas de valores (FARACO, 2008, p. 38).

A composição apresenta uma síntese do olhar refratado quando se refere à posição axiológica recortada pelo viés valorativo que é dado ao autor-criador, sendo também refratante pois a partir da posição axiológica assumida é que se dá o recorte, reordenando esteticamente os eventos da vida que emergem na narrativa.

A voz criativa proposta por Bakhtin não representa, segundo o autor, a voz direta do escritor, mas reflete um ato de apropriação refratada de uma voz social qualquer de modo a poder ordenar um todo estético (FARACO, 2008, p. 40).

Dessa forma, Faraco (2008) compreende que o escritor não desloca a sua linguagem para a criação estética, mas consegue trabalhar uma linguagem própria enquanto permanece fora dessa linguagem. Bakhtin então sugere a libertação da consciência artística dos meios da linguagem, considerando que ela pode libertar o indivíduo do pensamento social hegemônico que tende a aprisionar o imaginário a uma única língua, materializando-se de forma absoluta, impossibilitando o desenvolvimento da heteroglossia*.

É pois, o autor-criador a figura que para Bakhtin imprime uma voz social que consegue dar unidade ao escrito, materializando verbalmente as posições axiológicas que são percebidas como vozes sociais que permeiam por isso as formas lexicogramaticais e semânticas inerentes ao contexto em que se insere a realidade do autor. Nas palavras de Faraco (2008), o autor-criador representa uma maneira de se ver o mundo.

Nesta perspectiva, a obra representa uma narrativa que traz um ente interno ao texto, relacionando-se com ele, pois são vozes sociais que pelos idos de 1920 difundiam as ideias que compõe a narrativa, carregada de um teor eugênico racista que, ao serem refratadas esteticamente, compõem o plano estético do escritor.

A análise do discurso, a partir de uma concepção bakhtiniana, compõe então o estudo realizado, no qual se destacou traços significativos do dialogismo permeado pela intertextualidade e polifonia, analisadas a seguir.

O dialogismo

Segundo Barros e Fiorin (1994), o dialogismo é definido pela alteridade do ser humano, sendo o “outro” uma categoria imprescindível para a sua concepção pois de outra forma não seria possível pensar o homem ou em relações sociais que não fossem mediadas por essa relação dialógica. Para Bakhtin, o dialogismo compreende o ato de

* Bakhtin descreve a heteroglossia como a interação de múltiplas perspectivas individuais e sociais, que se materializam nas vozes sociais anunciadas pelos discursos, que representam, por sua vez, pontos de vistas diferentes expostos por meio da linguagem e que são compreendidos em função de contexto e do momento histórico vivido pelos produtores e receptores do discurso.

ouvir e de escutar a palavra do e com o outro, numa constante situação de interação dialógica.

A teoria dialógica pensada por Bakhtin é proposta quando o autor percebe a necessidade de refletir sobre a complexa realidade do homem, de acordo com as suas características heterogêneas, polissêmicas, plásticas, contraditórias e inconclusas, que se expressam nas relações que ele estabelece com o outro, descortinando a realidade que é apresentada de forma sintética, racional e homogênea, o que contribui para a manutenção da ordem e da organização da realidade de maneira estável e previsível, reflexos de visões absolutas que constroem representações de mundo fechadas. As críticas expressam a necessidade de se pensar fora desse modelo previamente estabelecido, edificado na ausência da observação do mundo social e histórico, sem que se leve em conta a própria história da sociedade.

Ao se contrapor a essa forma de ver o mundo, Bakhtin indica a necessidade de se pensar a condição humana de maneira globalizante, tecendo a teia que forma a realidade humana, analisando as múltiplas dimensões que se configuram como um sistema filosófico ou antropológico, ou filosófico dialogista: concepção que parte de um olhar compreensivo do homem e de seu fazer cultural (FARACO, 1996, p. 118), como bem indica Faraco:

um olhar que não está mirando apenas aspectos desse real, mas pretende captá-lo numa perspectiva de globalidade; que pensa a cultura como um vasto e complexo universo semiótico de interações axiologicamente orientadas; e entende o homem como um ser de linguagem (e, portanto, impensável sob a égide do divórcio homem/linguagem), cuja consciência, ativa e responsiva (e não mero reflexo do exterior, nem origem absoluta da expressão, mas lócus dinâmico do encontro dialógico do externo e do interno), se constrói e se desenvolve alimentando-se dos signos sociais, em meio às inúmeras relações sociointeracionais, e opera internamente com a própria lógica da interação sóciosemiótica, donde emergem seus gestos singulares (FARACO, 1996, p. 118)

A rede tecida na realidade humana a ser refratada indica uma concepção que modifica de maneira radical a ideia do homem enquanto ser social, compreendendo-o como um sujeito que se constitui na e pela interação estabelecida, de acordo com a complexa e intrincada rede de relações sociais que participa de maneira contínua e permanente.

Com isso, Bakhtin elabora o pensamento de que a visão de mundo é que sustenta os enunciados produzidos, tomando tal argumento como a base de sua teoria e sua posterior análise empírica, ancorados a partir de sua concepção de linguagem, dando à ela o significado e a importância que deve assumir no contexto em que é anunciada,

percebendo-a como atividade, uma consciência prática, e que está dimensionada no social, isto é, inter-relacionada com o sistema linguístico e com a atividade que se executa.

O dialogismo requer a necessidade de tratar a linguagem de forma materializada e contextual, que se enuncia de acordo com os sujeitos que emergem nas narrativas, sendo pois cotidiana e criativa, dinâmica, aberta, e adaptável a diferentes realidades de interação que unificam, dessa forma, as linguagens e os gêneros que dela derivam.

Na obra analisada a realidade retratada remete aos idos de 1920, época em que o pensamento cientificista e eugenista vigora no mundo ocidental e também asiático, difundindo concepções que pretendem realizar uma limpeza étnica das populações de países diversos. As ideias eugenistas são retratadas em vários momentos da obra, fixando-se na projeção futurista apresentada por Miss Jane, dos Estados Unidos, que desenvolveu, a partir desse princípio, enumeráveis medidas legais que levaram ao aprofundamento da crise racial naquele país.

O termo fora utilizado pela primeira vez pelo inglês Francis Galton, em 1883, que tentou provar, por meios estatísticos e genealógicos, que a capacidade humana era advinda da hereditariedade e não da educação, o que incentivou a proibição de casamentos inter-raciais, evitando-se naquele momento o cruzamento realizado com indivíduos alcólatras e epiléticos, por exemplo, numa tentativa de se manter um maior equilíbrio genético cujo foco central consistia no aprimoramento das populações ou na identificação precisa das características físicas indesejadas que eram atribuídas a grupos raciais distintos.

Schwarcz (1993) definiu a eugenia desenvolvida na época como um movimento científico e social vigoroso, que cumpria metas científicas e sociais específicas:

Como ciência, ela supunha uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana, cuja aplicação visava a produção de “nascimentos desejáveis e controlados”; enquanto movimento social, preocupava-se em promover casamentos entre determinados grupos e – talvez o mais importante – desencorajar certas uniões consideradas nocivas à sociedade. (SCHWARCZ, 1993, p. 60)

Nesta perspectiva, pode-se destacar alguns momentos da narrativa que revelam a influência dos ideais eugênicos do período:

a) Quando o discurso revela a natureza e os resultados da ação eugênica nas mulheres americanas, que as tornou mais belas e saudáveis, capazes de procriar filhos com as mesmas características, o que representaria o estabelecimento de um padrão estético perfeito para o país:

As mulheres não mais evocavam fisicamente as suas avós, magras umas, outras gordas, esta toda nadegas, aquela uma tabua ou de normas seios e dentes de cavalo — verdadeira coleção de monstruosidades anatomicas. Nem recordavam socialmente as pobres cativas de dantes, forçadas a girar no triangulo de ferro — casamento, celibato á força ou promiscuidade. Finas sem magreza, ageis sem macaquice, treinadas de músculos por meio de sabios esportes, conseguiram alcançar a beleza nervosa das eguas puro-sangue — o que trouxe a decadencia do hipismo. Já não necessitavam os homens de dedicar-se aos cavalos para satisfação da ansia secreta da beleza perfeita. (LOBATO, 1979, p. 97)

b) Ao considerar a necessidade de limpeza dos tipos sociais considerados indesejáveis, como os doentes mentais e os pobres, a eugenia é apresentada como a solução prática que pretendia estimular, nos grupos considerados deficientes ou inoperantes, a sua possível eliminação, incentivando, por meio da seleção, a produção de indivíduos de alto padrão, gerando neste sentido pessoas não apenas sadias, belas e inteligentes, como também aptas ao trabalho, criando mecanismos de intervenção rigorosos no processo de reprodução da população americana, como sugere o autor:

[...] Muito cedo chegou o americano á conclusão de que os males do mundo vinham de tres pesos mortos que sobrecarregavam a sociedade — o *vadio*, o *doente e o pobre*. Em vez de combater esses pesos mortos por meio do *castigo*, do *remedio* e da *esmola*, como se faz hoje, adotou solução muito mais inteligente: suprimi-los. A eugenia deu cabo do primeiro, a higiene do segundo e a eficiencia do ultimo. Aliviada da carga inutil que tanto a embaraçava e afeava, pôde a America aproximar-se de um tipo de associação já existente na natureza, a colmeia — mas a colmeia da abelha que raciocina (LOBATO, 1979, p.93 e 94).

Outro aspecto observado no trecho demarcado é a importância das ações higiênicas para a saúde da população, já que naquela época vários escritos apontavam a necessidade de se cuidar da saúde por meio do higienismo, devido à organização da vida nas cidades que resultava na aglomeração de pessoas em espaços cada vez mais concentrados, necessitando por isso da promoção de condições de salubridade mediante a instalação de serviços como a coleta e tratamento adequado da água e do esgoto, a iluminação nas ruas e a limpeza das casas para assim controlar as epidemias que ceifavam a vida de centenas de pessoas, o que representou alterações nos hábitos cotidianos ligados à saúde e manutenção do corpo e do ambiente em que viviam.

c) A segregação racial também é apontada na narrativa. Apesar de na época o discurso sobre o mito da democracia racial brasileira já existir, circulava na elite da sociedade nacional branca estereotipizações negativas sobre a população negra (MENEZES, 2012) que culminava com uma divisão social dos indivíduos em grupos distintos, de acordo com a sua clientela: eram organizados, espaços e eventos destinados aos negros e espaços e eventos destinados aos brancos, como os clubes sociais, as bandas filarmônicas e os bailes de carnavais. O autor potencializa a divisão racial quando a contextualiza no universo americano do ano de 2228:

[...] Havia uma pedra no sapato americano: o problema etnico. A permanencia no mesmo territorio de duas raças dispares e infusíveis perturbava a felicidade nacional. Os atritos se faziam constantes e, embora não desfechassem como outrora nas violencias da Ku-Klux-Klan, constituíam um permanente motivo de inquietação. (LOBATO, 1979, p.96-97).

A segregação é a alternativa apontada pelo grupo negro para a solução dos conflitos raciais. Entretanto a população branca, para se manter no poder e tomar as decisões políticas no território, considera inadmissível a divisão, o que remonta uma inversão dos papéis que os grupos branco e negro vivenciam naquele período no país americano, uma vez que a população negra não tinha seus direitos sociais reconhecidos pela sociedade branca norte-americana, vivendo por isso situações de segregação literal:

Já os negros se batiam por uma solução muito mais viável e justa. Queriam a divisão do país em duas partes, o sul para os negros e o norte para os brancos. Alegavam que era a America tanto de uma raça como de outra, visto como saíra do esforço de ambas; e já que não podiam gozar juntas da obra feita em comum, o razoável seria dividir-se o territorio em dois pedaços. Mas como os brancos preferiam continuar no *status-quo* a resolver o caso por esse processo, o problema racial permanecia de pé, cada vez mais ameaçador. (LOBATO, 1979, p.79 e 80)

d) Um outro ponto apresentado na narrativa diz respeito aos ideais assimilacionistas da época, uma vez que havia a ênfase no discurso da construção de uma identidade nacional para a população brasileira, fruto da miscigenação dos grupos étnico-raciais aqui constituídos, que, entretanto, se pautava nos valores estéticos, culturais e morais dos europeus. Neste sentido, a possibilidade de branqueamento da população negra foi estimulada pelo grupo político branco (ou que se projetava como tal) por meio do cruzamento inter-racial. Na obra analisada, o embranquecimento ocorre por meio de um processo científico que não dá conta de camuflar as principais características do grupo, deixando ainda traços característicos de sua negritude:

O processo científico de embranquece-los aproximava-os dos brancos na cor, embora não lhes alterasse o sangue nem o encarapinhamento dos cabelos. O desencarapinhamento constituía o ideal da raça negra, mas até ali a ciência lutara em vão contra a fatalidade capilar. Se isso se desse, poderia o caso negro entrar por um caminho imprevisito, a perfeita *camouflage* do negro em branco (LOBATO, 1979, p.98).

A concepção de que a diferença racial também apreende fatores genéticos, como o tipo sanguíneo, não passa despercebido no discurso elaborado, o que remete ao pensamento racialista do período, que acreditava numa distinção racial baseada tanto em fatores fenotípicos e psicossomáticos quanto em fatores genéticos.

e) Além do padrão estético europeu valorizado na narrativa, o texto traz outros elementos que são enaltecidos e que destacam o pensamento de superioridade da população ocidental. Aspectos morais e psicológicos considerados como inerentes a esse grupo são explorados no discurso narrativo, ressaltando a possibilidade de controle emocional dos americanos, que reduziu drasticamente os investimentos em serviços relacionados à saúde mental e à manutenção do espaço público:

[...] Nada de tumulto, de anarquia individualista, de desnecessarias violencias na linguagem e nos atos. É que os processos seletivos tinham banido da sociedade os tarados, inclusive os retóricos. Todas as perturbações do mundo vinham da ação anti-social desses maus elementos. Até a vitória pratica do eugenismo, a desordem humana raiara pelo destempero e não podia deixar de ser assim, visto como um alcoolatra, um retorico ou um burocrata tinham tanta liberdade de encher o mundo de futuros pensionistas das prisões, dos prostíbulos e das camaras de deputados como um homem são de o povoar de silenciosos homens de bem. A má semente humana gozava de tantos direitos como a semente que abrolhou em Lincoln. E a caridade, a filantropia, a assistencia publica em materia de defesa social, não faziam senão despender enormes quantidades de dinheiro e esforço na criação de hospitais, asilos, hospícios, prisões, casas de congresso, repartições publicas, isto é, abrigos para os produtos logicos da má origem. A ideia de seleção da semente, de ha muito vitoriosa na agricultura e na pecuaria, só não se via aceita no campo que mais deveria interessar ao homem. Uma velha ideologia mística vinda da Asia hebraica, e um falso conceito de liberdade vindo do 89 francês, a isso se opunham tenazmente. (LOBATO, 1979, p.132)

f) No discurso narrativo há, por fim, a crítica sobre a saída brasileira encontrada para resolver os conflitos de natureza étnico-racial, a mestiçagem da população. Na concepção dos pesquisadores brasileiros da época, tal solução fora orquestrada devido a crença de que deste cruzamento resultaria um tipo de mestiço superior, solução que é criticada na narrativa lobatiana. A justificativa para a formação de um tipo que assimilasse uma identidade nacional que poria fim aos conflitos raciais dos grupos aqui estabelecidos é visto de forma descrente:

A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a

inevitável peora de caráter, consequente a todos os cruzamentos entre raças dispare. Caráter racial é uma cristalização que às lentas se vai operando através dos séculos. O cruzamento perturba essa cristalização, liquefa-la, torna-a instável. A nossa solução deu mau resultado (LOBATO, 1979, p. 70).

De acordo com as considerações apresentadas, a obra lobatiana traz elementos que situam os enunciados elaborados em um determinado momento histórico, influenciado por um contexto social nacional e internacional que conduziram os pensamentos e as ações das personagens evidenciadas no texto.

A polifonia

A polifonia é apontada por Bakhtin como a modalidade alternativa ao romance monológico, que carregava a ideia de monologismo, autoritarismo e acabamento. O discurso polifônico engloba o pensamento de realidades em formação, o que evidencia enunciados apoiados na ideia de inconclusibilidade, inacabamento, de dialogismo, como ressalta Bezerra (2008):

A inconclusibilidade e o não-acabamento decorrem da condição do romance como um gênero em formação, sujeito a novas mudanças, cujas personagens são sempre representadas em um processo de evolução, que nunca se conclui. O autoritarismo se associa à indiscutibilidade das verdades veiculadas por um tipo de discurso, ao dogmatismo; o acabamento, ao apagamento dos universos individuais das personagens e sua sujeição ao horizonte do autor. [...] O dialogismo e a polifonia estão vinculadas à natureza ampla e multifacetada do universo romanesco, ao seu povoamento por um grande número de personagens, à capacidade do romancista para recriar a riqueza dos seres e caracteres humanos traduzida na multiplicidade de vozes da vida social, cultural e ideológica representada (BEZERRA, 2008, p. 191 e 192)

Em *O Presidente Negro*, as vozes sociais se corporeificam em vários personagens, tais como:

Ayrton Lobo, funcionário da firma de sapatos, representa o discurso capitalista que permeia a vida cotidiana e que impulsiona as relações produtivas, submetido que está à lógica da produção uma vez que reconhece a necessidade de vender sua força de trabalho para que possa sobreviver, e assim proporcionar o lucro, o acúmulo do capital que se faz pelos seus empregadores:

Eu vivia do meu trabalho, recebendo dele, não o produto, mas uma pequena quota, o necessário para pagar o quarto onde morava, a pensão onde comia e a roupa que vestia. Quem propriamente se gozava do meu trabalho era a dupla Sá, Pato & Cia., gordos e sólidos negociantes que me enterneciam a alma nas épocas de balanço ao concederem-me a pequena gratificação constituidora do meu lucro. Com eles trabalhei vários anos, conseguindo reunir o modesto pecúlio que transformei em marcos e, com grande dor

d'alma, vi se reduzirem a zero absoluto, apesar da teoria de que tudo é relativo (LOBATO, 1979, p.10).

O consumo, principal ferramenta que mantém o sistema, fica evidente no pensamento do personagem:

Eu sonhava... com um automovel. Meu Deus! As noites que passei pensando nisso, vendo-me no volante, de olhar firme para a frente, fazendo, a berros de klaxon, disparar do meu caminho os pobres e assustadiços pedestres! Como tal sonho me enchia a imaginação! (LOBATO, 1979, p. 10)

O desejo anunciado pelo empregado da firma revela seu sonho de ascender socialmente, ascensão pensada em nível de status social que culminou com um aumento de salário, refletindo-se em melhoria, pelo bem móvel adquirido, da sua condição de vida material:

Sonhei, portanto, mudar de casta e por minha vez levar os pedestres a abrirem-me alas, sob pena de esmagamento. E o novo peculio, com tanto esforço acumulado depois do desastre germanico, não visava outra coisa. Foi, pois, com o maior enlevo d'alma que entrei certa manhã numa agencia e comprei a maquina que me mudaria a situação social. Um Ford. Os efeitos dessa compra foram decisivos na minha vida. Ao verem-me chegar ao escritorio fonfonando, os patrões abriram as maiores bocas que ainda lhes vi e vacilaram entre porem-me no olho da rua ou dobrarem--me o ordenado. Por fim dobraram-me o ordenado, quando demonstrei o quanto lhes aumentaria o renome da firma o terem um auxiliar possuidor de automovel próprio (LOBATO, 1979, p.11).

Evelyn Astor é outra personagem narrada na história de Miss Jane. Candidata ao cargo de presidenta dos Estados Unidos e que assume um discurso de teor primeiramente feminista por não aceitar a dominação masculina. Além dos atributos comuns que acionou para chegar ao poder, a candidata utilizou ainda a sua estética privilegiada para se destacar e conseguir atingir seus objetivos: “de fato, nessa criatura habilissima, rica de todos os dotes da inteligencia, da cultura e da maquiavelica sagacidade feminina, se juntava um elemento perturbador, novo no jogo político presidencial: a sua rara beleza física”. (LOBATO, 1979, p.84)

O discurso cai tão logo Evelyn toma consciência de que sua posição política contribuiu para a vitória de Roy, afirmando, em seguida, que a sua ingenuidade influenciou na opção das outras mulheres, que em guerra com os homens, separam-se daqueles a quem consideravam seus opressores:

Foi instantanea e radical a mudança que se operou nas mulheres. Aprenderam num relance todas as consequencias possíveis do golpe negro e tomaram-se de furiosa crise de sentimentalismo amoroso pelo homem branco, ser mau, opressivo, injusto, não havia duvida, mas afinal de contas o

marido milenar da mulher. Mal com ele, pior sem ele. Estava tão longe o hipotético sabino...

Miss Astor tomou a palavra e fez-se a interprete do pensamento dominante.

—"Mulheres! Eis as consequências da nossa loucura!

Divorciamo-nos do nosso velho companheiro sexual (LOBATO, 1979, p.113).

Na trama lobatiana, o discurso feminista é vencido pelo machista, ao passo que aquelas que antes compunham o partido das Mulheres recapitulam de sua decisão, tão logo sabido o resultado negativo das eleições, preferindo retornar à sua posição subalterna do que continuar na luta por seus direitos, considerando que sua subordinação sexual pode ser digerida pelo grupo feminino, o que não ocorre se tiverem de ser dominadas politicamente pelos interesses do grupo negro, cuja vitória representa para elas a pior das derrotas:

Vejo bem claro agora o nosso erro e, embora reconhecendo as queixas que a mulher tem do macho, também reconheço que sem o concurso dele nada valeríamos no mundo. Bastou um momento de divórcio para que a raça branca se visse nesta horrível situação: apeada do domínio e á mercê de uma raça de pitecos que, essa sim, tem contas terríveis a justar conosco..." (LOBATO, 1979, p.113)

Assim, a candidata derrotada propõe que as mulheres de todo o país retomem os seus lugares ao lado dos homens, permanecendo fiéis às suas vontades, o que caracteriza o triunfo da mentalidade machista do período, que apresentava a sociedade, de um modo geral, com dificuldades para reconhecer a autonomia das mulheres, retirando-se assim do mundo político e assumindo suas funções reprodutoras.

O candidato à presidente Jim Roy é o personagem que traz em seu discurso os feitos da escravidão, marca do passado do negro africano que fora retirado de suas terras e transportado pelo Atlântico para o território americano e brasileiro:

Viu muito longe, esfumado pela bruma dos séculos, o humilde kraal africano visado pelo feroz negreiro branco, que em frágeis brigues vinha por cima das ondas qual espuma venenosa do oceano. Viu o assalto, a chacina dos moradores nus, o sangue a correr, o incêndio a engulir as palhoças.

Depois, o saque, o apresamento dos homens pálidos e das mulheres, a algema que lhes garroteava os pulsos, a canga que os metia dois a dois em comboios sinistros tocados a relho para a costa. Viu, como goelas escuras, abrirem-se os porões dos brigues para tragar a dolorosa carne do eito. E recordou o interminável suplício da travessia... Carga humana, coisa, fardos de couro negro com carne vermelha por dentro, A fome, a sede, a doença, a escuridão. For sobre as cabeças da carga humana, um tabuado. Por cima do tabuado, rumores de vozes. Eram os brancos. Branco queria dizer uma coisa só: crueldade fria...(LOBATO, 1979, p.107)

A saga diaspórica é lembrada pelo personagem, que também rememora a violência com que os africanos escravizados eram tratados pelo modelo econômico e social imputado pelos brancos:

Viu depois o desembarque. Terra, arvores, sol — não mais como em Africa. Nada deles, agora — nem a terra, nem as arvores, nem o sol. Caminha, caminha! Se um tropeça, canta-lhe o latego no lombo. Se cai desfalecido, trucidam-no. A caravana marcha, tropega, e penetra nos algodoais...
Viu Jim viçarem luxuriosos os algodoais da Virgínia depois que o negro chegou. Além das chuvas havia a rega-los agora o suor africano — suor e sangue.
Viu dois seculos de chicote a lacerar carne e outros dois séculos de lagrimas, de gemidos e lamentosos uivos de dor. E viu a America ir saindo dessa dor, como a perola, filha do sofrimento do molusco, nasce na concha...
(LOBATO, 1979, p. 107)

Roy é o personagem que também representa a libertação da população negra americana:

Era Jim Roy na realidade um homem de imenso valor. Nascera fadado a altos destinos, com a marca dos condutores de povos impressa em todas as facetas da sua individualidade. Como organizador e *menear* talvez superasse os mais famosos organizadores surgidos entre os brancos. A historia da humanidade poucos exemplos apresentava de uma eficiencia igual á sua. Consagrara-se desde muito jovem á execução dum plano de genio, traçado nas linhas mestras com a mais perfeita compreensão do material humano sobre que pretendia agir. [...]
—Jim Roy conseguira o milagre da associação integral da população negra sob a bandeira dum partido político cujas forças, coletadas por extensa cadeia de agentes distritais, vinham, como fios telefonicos, ter á estação central da sua chefia suprema. Sempre sabias e construtoras, suas instruções desciam com autoridade de dogmas sobre todas as celulas da Associação Negra (era o nome do partido) e as fazia moverem-se como puros automatoss. Esta abdicção, ou melhor, esta sujeição consciente e consentida de todas as vontades a uma vontade unica aperfeiçoara-se de tal modo que no ano da tragedia a situação politica dos Estados Unidos passou de fato a depender do lider negro. (LOBATO, 1979, p.82).

O candidato branco Kerlog é o principal personagem que traz em seus discursos os ideais racistas, uma vez que, pela eleição vindoura, sente-se ameaçado pela possibilidade de vitória feminina, sem levar em consideração que o candidato negro pudesse sair vitorioso, pois, subalternizado, sempre apoiava um dos partidos brancos:

O nosso predomínio vejo-o ameaçado, se não de ruína, pelo menos de fundas transformações. Avoluma-se a onda negra — e a ela resistiriamos se a cisão elvinista não viesse enfraquecer o nosso peso político. Mas o eleitorado branco está cindido, e agora mais que nunca vai funcionar a massa negra como o fiel da balança dos destinos da America. Venceremos, pois o concurso de Roy, embora negaceado para nos extorquir concessões, virá infalivelmente á ultima hora. Imagino com que horror não verá ele os progressos do sabinismo!
Mas havemos de confessar que é precaria a situação do nosso partido, com a vida assim dependente da boa vontade de um manhoso lider negro...
(LOBATO, 1979, p.88).

Ao reconhecer que perdeu a eleição para Roy, Kerlog destila, de forma moderada, seu discurso racialista ao presidente recém-eleito:

[...] Vejo em ti uma força demasiado grande para que eu a enfrente com palavras. Estamos face a face não dois homens, sim duas almas raciais arrostadas num duelo decisivo. Não fala neste momento o Presidente Kerlog. Fala o branco de crueldade fria, o mesmo que vos arrancou do kraal, o mesmo que vos torturou nos brigues, o mesmo que vos espezinhou nos algodoadais. Como ha razões de estado, Jim, ha razões de raça. Razões sobrehumanas, frias como o gelo, crueis como o tigre, duras como o diamante, implacaveis como o fogo. O sangue não raciocina, como os filosofos. O sangue sidera, qual o raio. Como homem admirete, Jim. Vejo em ti o irmão e sinto o genio. Mas como branco só vejo em ti o inimigo a esmagar..."(LOBATO, 1979, p.124)

O fim trágico da obra é suavizado pela aproximação amorosa dos personagens que constituem a narrativa no tempo presente, Miss Jane e Ayrton Lobo, após êxito do funcionário como escritor da aventura narrada pela filha do professor, que se entrega enfim às suas investidas:

Calaram fundo no meu coração aquelas palavras. Vi nelas um interesse mais de amorosa do que de simples amiga — de amorosa que o é sem o saber. Imergida que sempre vivera em suas visões do futuro, e sempre presa da mais intensa atividade cerebral, miss Jane ignorava-se. Olhei-a com o coração nos olhos. O "puro espirito" viu em mim a taça cheia em excesso, cuja espuma se derrama — e perturbou-se. Seus olhos baixaram-se. Seu peito ofegou.
Era o ceu. Atirei-me como quem se atira á vida, e esmagueilhe nos labios o beijo sem fim de John Barrymore. E qual o raio que acende em chamas o tronco impassível, meu beijo arrancou da gelada filha do professor Benson a ardente mulher que eu sonhara.
— Minha, afinal!... (LOBATO, 1979, p.174)

O desejo que Miss Jane desperta no personagem principal é apresentado em paralelo às narrativas da moça, que se mantém em princípio impassível às investidas do rapaz. Cedendo no final da narrativa, o romance escrito por Lobato não deixa de explorar um dos elementos característicos da narrativa romanesca: o amor entre os personagens principais.

As situações ficcionais vividas pelos personagens representam as ideias que circulavam no período em que foram escritas, sendo em alguns momentos potencializadas pelo autor, que as maximizou (assustadoramente!) de tal forma que seu enredo não fora bem recebido pelas editoras nacionais e internacionais naquele momento, frustrando o seu desejo de projeção norte americana.

Para concluir, é importante destacar a riqueza dos enunciados presentes nos discursos produzidos pelo autor, evidenciando traços polifônicos diversos que, para

serem analisados, necessitaram de recortes que não representam a sua totalidade, sendo pois uma breve demonstração daquilo que foi refratado pelo autor.

Considerações finais

A análise da obra *O Presidente Negro*, de Monteiro Lobato, sob uma perspectiva discursiva bakhtiniana colabora para as discussões acerca de narrativas que são recortadas fora de seu tempo e de contexto, atentando para a necessidade de se observar os enunciados nelas produzidos de acordo como foram projetados pelo autor, que de maneira contundente dialoga com os valores éticos e morais da época.

O dialogismo imanente do discurso narrativo lobatiano possibilitou uma leitura social da época que não deve ser desconsiderada, o que explica a necessidade de uma análise discursiva de acordo com os fundamentos teóricos projetados por Bakhtin e que o torna compreensível aos leitores comuns, que na atualidade caracterizam o escritor de acordo com o perfil do pensamento racista do período, uma vez que não consideram as vozes sociais que demarcam seus personagens.

A teoria dialógica proposta por Bakhtin é ainda atual para a análise dos discursos narrativos, uma vez que envolve um olhar para a realidade social, bem como para os elementos psicossociais que emergem do universo simbólico do escritor.

Referências

- BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. Em torno de Bakhtin. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: Brait, Beth (org.) *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: Brait, Beth (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- FARACO, C.A. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C.A; TEZZA, C. (orgs) *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba. Editora da UFPR, 1996.
- _____. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.

LOBATO, Monteiro. *O Presidente Negro ou o Choque das Raças*. São Paulo: Braziliense, 1979, 13ª ed.

MENEZES, J.M.F. Representações sociais, preconceitos e discriminações: os estudos da psicologia social e da sociologia no Brasil na década de 1950. In: PLACCO, V. M. N.S.; VILLAS-BÔAS, L. P. S.; SOUZA, C. P. *Representações sociais: diálogos com a educação*. Curitiba: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlo Chagas, 2012.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930* – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Recebido em: 20.10.2014

Aceito para publicação em: 20.11.2014